

Dr. Kevin E. Frederick, Valdenses, Aula 8, Juntando-se ao Movimento de Reforma, Um Testemunho Contínuo © 2024 Kevin Frederick e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Kevin Frederick em seu ensinamento sobre a história dos valdenses. Esta é a sessão 8, Juntando-se ao Movimento de Reforma, Um Testemunho Contínuo.

Nosso sermão de hoje é intitulado, Um Testemunho Contínuo, e ele analisa o tema dos valdenses enquanto eles se fundiam com a tradição reformada de Genebra, Suíça.

Mas como base para este estudo, voltemo-nos primeiro para os Evangelhos, ou para as Escrituras, e particularmente para a carta de Paulo ao povo de Tessalônica, e a segunda carta, começando com o primeiro capítulo e o primeiro versículo. Paulo, Silas e Timóteo, à Igreja dos Tessalonicenses, em Deus nosso Pai e no Senhor Jesus Cristo, graça a vocês e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo. Devemos sempre dar graças a Deus por vocês, irmãos e irmãs, como é justo, porque a fé de vocês está crescendo abundantemente, e o amor de cada um de vocês uns pelos outros está aumentando.

Portanto, nós mesmos nos gloriamos de vocês entre as igrejas de Deus por sua firmeza e fé durante todas as perseguições e aflições que vocês estão suportando. Isto é evidência do justo julgamento de Deus, e tem o propósito de torná-los dignos do reino de Deus pelo qual vocês também estão sofrendo. Pois é realmente justo da parte de Deus retribuir com aflição aqueles que os afligem e dar alívio aos aflitos, bem como a nós, quando o Senhor Jesus for revelado do céu com seus anjos poderosos em chama de fogo, infligindo vingança sobre aqueles que não conhecem a Deus e sobre aqueles que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus.

Estes sofrerão o castigo da destruição eterna, separados da presença do Senhor, da glória do seu poder, quando ele vier para ser glorificado pelos seus santos, para ser admirado naquele dia entre todos os que creram, porque o nosso testemunho foi crido entre vocês. Para isso, sempre oramos por vocês, pedindo que o nosso Deus os faça dignos do seu chamado, cumpra pelo seu poder todo bom propósito e obra de fé, para que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vocês, e vocês nele, segundo a graça de Deus e do Senhor Jesus Cristo. Esta é a palavra do Senhor.

Graças a Deus. William Faulkner é um escritor sulista consumado do século XX. Em suas histórias, ele se importa profundamente com o pathos do Sul antebellum e seu impacto na identidade sulista enquanto explora muitas gerações de povos brancos, negros e nativos americanos.

Em seu romance *Requiem for a Nun*, publicado no final de sua carreira em 1951, Faulkner escreve com precisão e eloquência que o passado nunca morre; nem mesmo é passado. Essas palavras soam verdadeiras hoje tanto quanto soavam quando Faulkner as escreveu há 65 anos, especialmente neste dia em que celebramos o Domingo da Reforma. Ao escrever para a comunidade cristã de Tessalônica, o apóstolo Paulo os descreve como sendo uma comunidade fiel e permanente, mesmo que perseverassem diante de uma ameaça significativa de perseguição.

Paulo estava escrevendo para eles para ajudá-los a entender como interpretar seus sofrimentos como um povo de fé. Mas Paulo também estava tentando apresentar o quadro maior de como Deus não apenas lhes daria conforto em suas aflições, e Paulo lhes disse que Deus também decretaria retribuição contra aqueles que estavam fazendo a comunidade de fé sofrer tanto. A perseguição também é um tema proeminente em ação nos 850 anos de história dos valdenses.

Ao aprender com nosso passado como presbiterianos valdenses, formamos nossa identidade no presente e entendemos nosso chamado como líderes servidores em nosso próprio dia e tempo. Neste Domingo da Reforma, há alguns paralelos históricos e teológicos importantes que devemos explorar como valdenses e presbiterianos, pois fomos casados na tradição reformada do cristianismo e desta congregação. Dois historiadores proeminentes que escreveram extensivamente sobre a história valdense são Ewan Cameron e Gabriel Odisio .

Eles identificaram o início da Reforma do século XVI e a decisão dos pastores valdenses, líderes que eles chamavam de Barbas ou Tios, de se juntarem à Reforma em 1532 como sinalizando o fim do movimento valdense. Seu raciocínio é baseado na decisão tomada naquela reunião sinodal dos Barbas valdenses em 1532 de abandonar muitas das práticas e organizações como uma comunidade religiosa para se juntarem ao movimento reformado. As características que eles descartaram de seu passado antigo naquela época incluíam o seguinte:

Sua prática de pregação itinerante era feita pelos Barba, que viajavam em pares, traduzindo, interpretando e pregando o evangelho na língua do povo. A prática dos Barba de adotar um voto de pobreza e celibato. Sua adesão a uma interpretação literal das escrituras.

Suas reuniões clandestinas nas casas dos membros. Suas posições teológicas sobre vários assuntos, como juramento, pena de morte e sua crença nos sete sacramentos católicos romanos. Sua prática de cada seguidor valdense confessar anualmente seus pecados aos Barbas em vez de ao padre católico.

Cada uma dessas características pré-Reforma definiu os valdenses como uma comunidade de cristãos mais focada na prática do ministério do que em sua adesão a um sistema doutrinário de crenças bem desenvolvido. Mas ao se alinharem com a Igreja Reformada da Suíça no século XVI, todas, exceto uma dessas características definidoras, foram descartadas pela maioria dos Barbas valdenses em Chanforan em 1532 e foram substituídas por uma adesão a uma forma sistemática de doutrina reformada junto com a estrutura organizacional reformada do que significava ser igreja. A única característica que continuou após a adesão à Reforma foi uma tradução, interpretação e proclamação do evangelho na língua do povo.

Em contraste, a nova Igreja Reformada Valdense foi construída nos seguintes conceitos. Comunidades adoradoras se reúnem em prédios fixos de igrejas. Designando pastores estabelecidos localmente para comunidades específicas em vez de um pastorado itinerante.

Eleger anciãos governantes de cada congregação que tomavam decisões sobre a igreja local e seu ministério. Abandonar um foco exclusivo na interpretação literal das Escrituras Sagradas e adotar um meio de interpretar passagens do Antigo e do Novo Testamento através das lentes do testemunho de Deus por meio de Jesus Cristo e por meio de outras formas mais complexas de críticas literárias e históricas que começaram a ser desenvolvidas durante a Reforma. Embora a maioria dos Barbas valdenses tivesse votado a favor de se juntar à Reforma em 1532, havia uma minoria substancial, principalmente dos Barbas mais velhos que se opuseram à votação para se juntar aos reformadores suíços.

Nos anos imediatamente seguintes a Chanforan, quando os Barba começaram a compartilhar a notícia de sua decisão com seus seguidores, eles foram recebidos com oposição obstinada a essas mudanças radicais dentro de suas comunidades. A identidade do povo valdense havia sido profundamente definida pela liderança itinerante de seus líderes celibatários por 350 anos, e eles não estavam abertos às mudanças radicais que os Barbas haviam adotado. O povo valdense levou décadas para que a maioria dos membros abraçasse a teologia e a eclesiologia da Reforma.

Foi somente em 1555 que o primeiro edifício da igreja valdense foi erguido na vila de Pralegigu, e foi somente na década de 1560 que os estudos catequéticos da Reforma foram introduzidos para educar os membros das igrejas. Claramente, houve uma mudança radical na prática e na crença que mudaria para sempre a descendência valdense de uma alternativa única à Igreja Católica Romana para uma que refletia as doutrinas e práticas da Igreja Reformada. De uma perspectiva teológica e eclesial, aquelas qualidades que tornavam a descendência valdense tão única antes da Reforma deixaram de existir.

A esse respeito, eu concordaria com Cameron e Ardicio que a contribuição única que os valdenses pré-reformados ofereceram ao cristianismo chegou ao fim. No entanto,

isso não significa que o testemunho valdense único chegou ao fim em 1532. Acredito que as perseguições que eles enfrentaram continuaram a definir os valdenses de maneiras diferentes de outros grupos da igreja reformista.

A crença de que a testemunha valdense deixou de existir depois que eles se juntaram à Reforma falha em considerar o papel das perseguições contínuas aos valdenses pela Igreja Católica Romana durante a Contrarreforma, que começou já na década de 1540 em Marendal, França, e continuou na Calábria, Itália, até o início do século XVIII. Em toda a Europa, o impacto da Contrarreforma Católica foi frequentemente concentrado nas comunidades valdenses mais do que em qualquer outro grupo protestante. Ao longo da Contrarreforma, os valdenses localizados nos Alpes Cócios permaneceram como a testemunha valdense mais organizada e tenaz, enquanto enfrentavam onda após onda de perseguição.

Como uma fonte de força e perseverança, eles olhariam para trás e invocariam o testemunho fiel de seus ancestrais há muito tempo, acreditando na retidão e fidelidade de seu chamado como remanescente fiel de Deus diante do mal. Apesar dos ataques repetidos e bem organizados da Igreja Romana em cooperação com as tropas francesas e saboianas para destruí-los em suas terras natais nas montanhas no século XVII, eles nunca foram completamente exterminados. Vários fatores levaram à sua sobrevivência, incluindo o afastamento das terras natais valdenses, combinado com sua vantagem defensiva geograficamente nas elevações mais altas dos Alpes, suas táticas de guerra de guerrilha locais e sua fé na presença de Deus com eles para guiá-los para o futuro.

Esses elementos combinados tornaram virtualmente impossível até mesmo para os exércitos mais fortes da Europa erradicá-los completamente. Repetidos éditos restringindo seus movimentos reforçaram seu isolamento como povo por centenas de anos e limitaram a capacidade de todos, exceto alguns valdenses, de ter acesso ao ensino superior. Isso veio a ser conhecido como a Guetização dos Valdenses e não mudou realmente até meados do século XIX.

Séculos de perseguição e isolamento os levaram a expressões clandestinas de sua fé, forçando-os a se esconder e adorar em segredo por medo de serem descobertos e torturados. Essa ameaça constante os tornou muito desconfiados de forasteiros e, ao longo dos séculos, eles se tornaram cada vez mais focados em si mesmos. Positivamente dito, porém, esse isolamento teve o efeito de criar uma comunidade muito unida, unificada e autossuficiente de crentes que se apegavam à sua fé e seus costumes com tenacidade feroz.

Não há evidências apreciáveis de que os Barbas continuaram em seu ministério tornando-se pastores após se juntarem ao movimento de reforma em 1532. Nenhum documento foi encontrado para determinar se os Barbas foram realocados para servir congregações geograficamente definidas. O que é mais discernível é o impacto

de um forte esforço para remodelar os valdenses pela igreja reformada na Suíça na década de 1540, que começou a enviar um número significativo de pastores não valdenses treinados no seminário em Genebra para liderar o povo valdense.

Os primeiros reformadores viam os valdenses como a verdadeira igreja que mantinha sua pureza apostólica nas raízes do movimento de reforma. De acordo com Gabriel Odissio, em um período de 30 anos, as igrejas reformadas de Genebra enviaram 60 pastores para o número relativamente pequeno de igrejas valdenses nos Alpes Cócios, enquanto, ao mesmo tempo, durante o mesmo período, enviaram um total de 80 pastores para congregações protestantes por toda a nação da França. Essa concentração de esforços demonstra a importância dos valdenses aos olhos dos líderes do movimento de reforma.

Nas gerações subsequentes, um número crescente de homens valdenses foi treinado em Genebra para servir em suas próprias igrejas, mas, apesar dessas mudanças na liderança, uma coisa permaneceu constante. Uma forte liderança pastoral contra onda após onda de perseguição à comunidade de fé valdense é a força primária que manteve a coerência e a durabilidade do movimento unidas. Essa fonte de continuidade remonta aos valdenses pré-reforma e continua até a era moderna.

O exemplo mais proeminente é o pastor valdense Henri Arnault. Durante seus dias mais sombrios no final do século XVII, Arnault organizou os homens valdenses durante seu exílio em Genebra em 1686, tornando-se uma força de combate pequena, mas ferozmente eficaz. Arnault liderou seu pequeno exército de 900 homens exilados em uma campanha de Genebra, Suíça, em 1689, para recuperar suas terras natais no que seria conhecido como um retorno glorioso, cujo resultado os valdenses prevaleceriam sobre os exércitos combinados de 20.000 tropas da França e da Saboia.

Apesar do sucesso, 10 anos depois, o rei da França forçou 3.000 valdenses do Vale Chisone ao exílio na Alemanha protestante. Arnault liderou essas pessoas no exílio mais uma vez e ajudou muitas delas a se estabelecerem em 10 comunidades vizinhas na região de Darmstadt-Hesse, na Alemanha. A liderança de Arnault foi fundamental para o sucesso dessa migração e a continuação da fé valdense.

Ministros como Arnault eram muitas vezes a cola que mantinha o povo valdense unido diante de grande perseguição. Não se pode exagerar a importância da continuidade da estrutura organizacional dos valdenses em assegurar sua identidade e sobrevivência. As reuniões anuais do Sínodo Valdense, durante as quais pastores de cada comunidade de fé valdense se reuniam para discutir negócios da igreja, eram um fator significativo que os ajudava a manter vibrantes sua identidade e conexões com seus ancestrais pré-reformados.

A liderança estrutural da igreja valdense já existia no século XIII, começando com o Concílio de Bérghamo em 1218, e era reforçada a cada ano nas reuniões do Sínodo. Sua organização serviu como uma forte fonte de continuidade que liga o testemunho valdense reformado com suas raízes pré-reformadas. Foi durante a Contrarreforma do final do século XVI ao século XVII que seus líderes começaram a se confortar ao levantar regularmente os paralelos bíblicos que se identificavam com os sofrimentos e o exílio do povo hebreu do Antigo Testamento e da igreja primitiva no Novo Testamento, chamando a si mesmos de Israel dos Alpes.

Encontrar força espiritual ao reivindicar uma afinidade com as comunidades de fé perseguidas dos tempos antigos deu aos valdenses perseguidos do século XVII uma identidade que se alinhou não apenas com o antigo Israel e a igreja primitiva, mas com o próprio Deus que amorosamente levantou seu povo perseguido, guiando-os adiante por milhares de anos. Os valdenses desenvolveram grande força espiritual e moral na certeza de que eles, como o povo da aliança de Deus, prevaleceriam sobre as injustiças feitas contra eles e cumpririam suas testemunhas fiéis de maneiras que não poderiam ser previstas. Essa crença central subjacente por trás da identidade de ser o povo fiel de Deus foi passada de geração em geração desde o surgimento das perseguições na segunda metade do século XIII, passando pela Reforma até o alvorecer da era moderna.

A identidade dos valdenses como um povo de fé não cessou quando eles se juntaram ao movimento de reforma, mas continuaram a evoluir e se adaptar para enfrentar as perseguições e os desafios que enfrentaram em todas as épocas até o presente. O passado nunca morre. Ele nem é passado.

Essa tenacidade de espírito e crença firme em Jesus Cristo foi passada aos valdenses nesta congregação esta manhã. A força da determinação, perseverança, resistência e compromisso feroz dos valdenses com a comunidade são os pontos fortes que acompanharam e guiaram as primeiras dez famílias de valdenses que desceram do trem da Aldi's North Carolina em 29 de maio de 1893, com uma escritura de terra de 10.000 acres e uma montanha de dívidas para pagar. Esses são os pontos fortes que levaram aqueles primeiros colonos por um período de 40 anos a criar uma cidade de indústria próspera e uma fonte de estabilidade financeira para milhares de cidadãos regionais durante a Grande Depressão.

Essas são as forças que podem ser vistas hoje em uma congregação marcada por sua dedicação em servir a Cristo e ao povo de Cristo, não apenas dentro das portas de nossa congregação, mas além de nossas portas para o povo de Deus, tanto perto quanto longe. Como podemos manter a integridade de nossa herança de fé? Esse é o próprio desafio que enfrentamos hoje. Não temos tanta probabilidade de sermos perseguidos por nossas crenças, mas a necessidade de sermos guiados por nossa boa herança enquanto servimos corajosamente como testemunhas fiéis de Cristo continua sendo nosso chamado constante, pois o passado nunca morre.

Nem é passado. Em nome do Pai e do Filho do Espírito Santo. Amém.

Este é o Dr. Kevin Frederick em seu ensinamento sobre a história dos valdenses. Esta é a sessão número oito, Joining the Reform Movement, um testemunho contínuo.